

OMNIA

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)

www.fai.com.br

SCATOLIN, Henrique Guilherme. O pensamento obsessivo na concepção de Sigmund Freud: as suas principais características. *Omnia Humanas*, v.3, n.2, p.64-72, 2010.

O pensamento obsessivo na concepção de Sigmund Freud: as suas principais características

Autor: Henrique Guilherme Scatolin¹

Resumo

Este trabalho visa elencar as contribuições de Sigmund Freud para a compreensão do pensamento na neurose obsessiva. Para tal, será feita uma revisão bibliográfica nos artigos freudianos desde 1894, passando pelo caso clínico do Homem dos Ratos, Totem e Tabu, Homem dos Lobos, Inibições, Sintomas e Ansiedade, até o seu último artigo intitulado Moisés e o Monoteísmo.

O objetivo deste artigo é destacar as principais características do pensamento nesta neurose, como a onipotência dos pensamentos, a técnica de deformação por elipse, a superstição, o animismo, e os mecanismos de defesa presentes nesta forma de pensar (como o isolamento).

Palavras chave: pensamento obsessivo, onipotência do pensamento, animismo, mecanismos de defesa.

Summary

This article aims to rank the contributions of Sigmund Freud to understand the thoughts in obsessive neurosis. This will be done in a literature review articles Freudian since 1894, through clinical case of the Rat Man, Totem and Tabu, the Wolf Man, Inhibitions, Symptoms and Anxiety, until his last article titled Moses and Monotheism.

The aim of this paper is to highlight the main features of thought on this neurosis as the omnipotence of thoughts, the technique of deformation ellipse, superstition, animism, and the defense mechanisms present in this way of thinking.

Keywords: obsessive thinking, omnipotent thinking, animism, defense mechanisms.

O pensamento obsessivo no período pré-psicanalítico: uma breve introdução.

Este artigo tem como objetivo uma revisão na obra psicanalítica de Sigmund Freud sobre o pensamento na neurose obsessiva, apontando as suas principais características. Para esta elaboração será necessário realizar um breve retorno aos primeiros escritos de Freud sobre esta neurose.

Material e métodos.

Foi realizado um levantamento na obra freudiana, enfocando neste a concepção do mestre da psicanálise sobre o pensamento obsessivo. Este levantamento iniciou-se nos primeiros escritos sobre a obsessão, em 1894, e culminou em seus últimos ensaios sobre o pensamento obsessivo, em 1926, ao redigir *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Assim, a metodologia se baseia em uma revisão de literatura na obra freudiana sobre o pensamento obsessivo, enfocando neste o animismo, os principais mecanismos de defesa (tais como o isolamento), a onipotência de pensamento e as ruminções mentais que paralisam as atitudes destes pacientes.

Resultados.

Em 1894, na carta 18 para Fliess, Freud ressalta que há na obsessão um deslocamento de afeto, afirmação esta que é reiterada no artigo *As Neuropsicoses de Defesa* de 1894, quando afirma:

“Quando alguém com predisposição à neurose carece de aptidão para a conversão [...] esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa falsa ligação, tais representações se transformam em representações obsessivas” (1894, p. 58 – 59).

Nesta época, Freud se encontrava nos primórdios de seus estudos sobre a formação das idéias obsessivas, declarando que nem todos os que sofrem de obsessões tem idéia tão clara assim sobre a sua origem.

Freud (1894, p. 59) compreende que “[...] a obsessão representa um substituto da idéia sexual incompatível tendo tomado seu lugar na consciência”. Ele releva que o afeto presente nas obsessões se caracteriza como desalojado ou transposto e este poderá, em diversos casos de obsessões, retraduzir em termos sexuais. O eu leva muito menos vantagem escolhendo pela transposição do afeto como método de defesa e o afeto permanece com antes, inalterado e não diminuído, diferindo “apenas no fato de que a representação incompatível é abafada e isolada da memória” (1894, p. 61). Assim, Freud compreende que a defesa visa separar a representação incompatível do afeto; ou seja, a idéia permaneceria na consciência (enfraquecida e isolada), mas isolada do afeto.

Segundo Freud (1895, p. 89 – 90), “nas obsessões, o estado emocional persiste indefinidamente e a idéia associada não é mais a idéia apropriada original relacionada à etiologia da obsessão, mas uma idéia que a desloca, sendo um substituto para ela”. Nesta época, Freud também compreende que nas idéias obsessivas, a representação original (incompatível) foi substituída por outra representação e a idéia original pode não ser substituída por outra idéia e sim por atos ou impulsos que serviriam originalmente como medidas de alívio ou como procedimentos protetores.

A idéia obsessiva, segundo Freud, é produto de um compromisso: correto quanto ao afeto e categoria presente, todavia seria falso devido ao deslocamento cronológico e à substituição por analogia. Para o mestre (1895, p. 90) “o afeto da autocensura pode ser transformado, por diferentes processos psíquicos, os quais depois entram na consciência mais claramente do que o afeto em si”. Esse afeto pode ser transformado em ansiedade, delírios de perseguição, vergonha, angústia e o ego consciente pode considerar a obsessão como algo que lhe é estranho. Ele afirma que ocorre na neurose obsessiva uma luta defensiva do ego contra a obsessão, levando à produção de novos sintomas de defesa secundária. A idéia obsessiva é atacada pela lógica, embora sua força compulsiva seja inabalável. Os sintomas secundários são uma intensificação da escrupulosidade e uma compulsão a perscrutar minuciosamente as coisas e guardá-las.

Segundo Freud (1895. p. 271), “outros sintomas secundários surgem se a compulsão for transferida para impulsos motores contra a obsessão, como por exemplo, a compulsão a beber, rituais protetores, folie de doute”. O ego procura afastar os derivados da lembrança inicialmente reprimida e nessa luta defensiva cria sintomas que poderiam ser classificados como defesa secundária.

Para Freud (1896, p. 280) “a defesa secundária contra as representações obsessivas pode ser efetuado por um violento desvio para outros pensamentos de conteúdo tão contrário quanto possível. Eis por que a ruminação obsessiva, quando bem sucedida, versa regularmente sobre coisas abstratas e supra-sensuais”. A defesa secundária contra os afetos obsessivos levaria a um conjunto de medidas protetoras capazes de serem transformadas em atos obsessivos como medidas penitenciais (observação de números), medidas de precaução (como superstição, minuciosidade).

O pensamento obsessivo nos textos psicanalíticos (1900- 1939).

Devido a sua auto-análise, Freud abandona a teoria traumática das neuroses em 1897, retomando o estudo sobre o pensamento obsessivo em 1907, em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*. Neste artigo, o mestre releva que “as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial que comumente se denomina de neurose obsessiva” (1907, p. 109). Assim, na entidade clínica denominada neurose obsessiva, encontramos pessoas que praticam atos cerimoniais (ou obsessivos) como também pessoas que apresentam impulsos obsessivos e idéias obsessivas, sendo que nem todas as idéias ou impulsos finalizam em atos cerimoniais.

Neste mesmo texto, Freud aponta que no pensamento obsessivo há dois mecanismos de defesa: o deslocamento e a formação reativa. Em relação ao mecanismo do deslocamento, o mestre afirma que os mecanismos do deslocamento psíquico domina os processos mentais da neurose obsessiva; já que o simbolismo do ato obsessivo é resultado da substituição de um elemento real e importante por um trivial.

Já em relação à formação reativa, ele afirma que há sempre a repressão de um impulso instintual que sucumbiu a repressão. Ou seja, é devido à repressão que se cria uma consciência especial, dirigida contra os objetivos do instinto.; pois a repressão nesta neurose “é um processo que só obtêm êxito parcial; estando constantemente sob a ameaça de um fracasso [...] Assim ,os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como uma proteção contra a tentação ,em parte, como proteção contra o mal esperado” (1907, p. 114 – 115).

Além da falha do recalçamento, Freud associa o caráter anal com o pensar dos neuróticos. Para Freud:

“Na realidade, onde quer que tenham predominado ou ainda persistam as formas arcaicas do pensamento - nas antigas civilizações, nos mitos, nos contos de fadas e superstições, no pensamento inconsciente, nos sonhos e nas neuroses- o dinheiro é intimamente relacionado com sujeira [...] o interesse erótico original na defecação está destinado a extinguir-se em anos posteriores. Nessa ocasião aparece o interesse pelo dinheiro, que não existia na infância” (1908, p. 162 -163).

No pensamento obsessivo podemos encontrar traços oriundos da sublimação do erotismo anal; tais como a ordem, parcimônia e a obstinação. Estes traços serão reiterados no texto *As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal*, em 1917, momento este em que Freud aponta que a avareza, o formalismo e a obstinação provêm de fontes anal-eróticas ou retira dessas fontes poderosas contribuições.

De outro lado, é necessário ressaltar que em 1917, Freud ainda analisava o Homem dos Lobos. Este paciente recordava de certos pensamentos, determinadas blasfêmias que lhe vinha à cabeça como uma inspiração do diabo; como a idéia de Deus-merda. Segundo Freud, a análise do significado das fezes torna claro que os pensamentos obsessivos que obrigavam o Homem dos Lobos a relacionar Deus com o excremento tinham outro significado; já que Deus-merda era a abreviação de uma oferenda que se ouve eventualmente de forma não abreviada como ‘cagar em Deus’ ou ‘cagar algo para Deus’ que significa dar-lhe um bebê ou conseguir que o Homem dos Lobos dê um bebê a alguém.

Assim, a compulsão que dominava o Homem dos Lobos a pensar ‘ Deus-merda’, ‘ Deus-porco’ são produtos de conciliação em conexão com o seu erotismo anal. Antes da análise, as fezes havia tido para o Homem dos Lobos o significado de dinheiro e o mestre aponta que “fezes, bebê e pênis formam assim, uma unidade, um conceito inconsciente [...] ao longo dessas trilhas de associação, a catexia libidinal pode tornar-se deslocada ou intensificada” (Freud, 1918[1914], p.92).

Além dessa tríade, as estruturas obsessivas “podem ser classificadas como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens ou proibições” (Freud, 1909, p. 193). Lembremos que os pensamentos obsessivos sofrem uma deformação semelhante àquela pela qual os pensamentos oníricos passam antes de se tornarem o conteúdo manifesto de um sonho. A técnica de deformação nos pensamentos obsessivos é a técnica da deformação por omissão ou elipse. Sobre a elipse, afirma:

“Essa técnica aplica-se preferentemente a chistes, mas no caso do Homem dos Ratos ela funcionou bem, como um meio de evitar que as coisas fossem compreendidas [...] a técnica de deformação por elipse parece ser característica das neuroses obsessivas; tenho notado isso também nos pensamentos obsessivos de outros pacientes” (1909, p. 107).

Nas neuroses obsessivas, os processos mentais inconscientes às vezes irrompem na consciência em sua forma pura e indeformada. Tais incursões ocorrem em todo e qualquer estágio do processo de pensamento; e que no momento dessas incursões, as idéias obsessivas podem, na maioria das vezes, ser reconhecidas como formação de longa duração.

Assim, o pensar na neurose obsessiva substitui o agir e em lugar do ato substitutivo, algum pensamento que se lhe antecipa persevera com a força total da compulsão. Segundo Freud, “na medida em que essa regressão do agir para pensá-lo fica mais marcada ou menos marcada, um caso de neurose obsessiva irá expor as características do pensar obsessivo (isto é, de idéias obsessivas)” (1907, p. 221).

Isto significa que o processo de pensamento torna-se sexualizado já que o prazer sexual que está normalmente ligado ao conteúdo do pensamento “vê-se aplicado ao próprio ato de pensar, e a satisfação derivada do fato de se alcançar a conclusão de uma linha de pensamento é sentida como uma satisfação sexual” (1907, p. 211-212). Deste modo, um processo de pensamento é obsessivo ou compulsivo quando em consequência de uma inibição na extremidade motora do sistema psíquico, ele é levado a cabo com um dispêndio de energia que está normalmente reservado unicamente para as ações.

Durante a análise do Homem dos Ratos, Freud menciona algumas características mentais dos neuróticos obsessivos. O Homem dos Ratos era supersticioso, acreditava em premonições e em sonhos proféticos. Estas características são retomadas ao publicar “Totem e Tabu” quando declara que “todos os neuróticos obsessivos são assim supersticiosos, geralmente contra o seu melhor juízo” (1913, p.97).

Além da superstição, ele destaca que outra necessidade mental dos neuróticos obsessivos é a necessidade de incerteza em suas vidas, ou de dúvida. A criação da incerteza é um dos métodos utilizados pela neurose a fim de atrair o paciente para fora da realidade e isolá-lo do mundo. A predileção dos neuróticos obsessivos pela incerteza e pela dúvida leva-os a orientar seus pensamentos de preferência para aqueles temas perante os quais toda humanidade está incerta e os seus conhecimentos e julgamentos necessariamente expostos à dúvida. Para Freud (1909, p.202), “os principais temas dessa natureza são paternidade, duração da vida, vida após a morte e memória”. Lembremos que no caso do Homem dos Ratos, “a dúvida é, na realidade, uma dúvida de seu próprio amor [...] já a compulsão, segundo Freud, é uma tentativa para alguma compensação pela dúvida e para uma correção das intoleráveis condições de inibição das quais a dúvida apresenta testemunho” (1909, p.209-210). A dúvida corresponde à percepção interna que tem o paciente de sua própria indecisão, a qual, em consequência da inibição de seu amor através de seu ódio, dele se apossa diante de qualquer ação intencionada.

Durante a análise do Homem dos Ratos, Freud destaca outra característica do pensamento obsessivo: a onipotência dos pensamentos; característica esta retomada em *Totem e Tabu* de 1913.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913, p.97) declara que “[...] a onipotência de pensamento, a supervalorização dos processos mentais em comparação com a realidade, desempenha um papel irrestrito na vida emocional dos pacientes neuróticos e em tudo que dela se deriva”. É na neurose obsessiva que a sobrevivência da onipotência dos pensamentos é mais claramente visível; já que nesta neurose as consequências desse modo primitivo de pensar mais se aproxima da consciência. Os neuróticos vivem um mundo à parte, onde somente a ‘moeda neurótica’ é moeda corrente. Os neuróticos obsessivos são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade *externa* não tem importância.

Em relação ao pensamento na neurose obsessiva, Freud aponta que “com relação aos neuróticos, encontramos que, por um lado, uma parte considerável dessa atitude primitiva sobreviveu em sua constituição, por outro, que a repressão sexual que neles ocorreu ocasionou uma maior sexualização de seus processos de pensamento” (1913, p. 97). Ele compara a vida mental do selvagens com a vida mental do neuróticos. Segundo Freud, a onipotência de pensamento é o princípio que dirige a magia, a técnica da modalidade animista de pensamento dos selvagens. As superstições que os neuróticos obsessivos praticam na vida comum revela a semelhança dos neuróticos obsessivos com os selvagens que acreditam poderem alterar o mundo externo pelo simples pensamento. Ele declara que os homens primitivos e os neuróticos atribuem uma alta valorização, uma supervalorização aos atos *psíquicos* e ressalta que “[...] pode-se dizer que, no homem primitivo, o processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado” (1913, p. 98). Esta é a origem da fé dos selvagens e dos neuróticos na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e de sua inacessibilidade às experiências.

Freud também elabora uma relação entre o tabu e as proibições obsessivas dos neuróticos. Ele declara que o horror ao incesto apresentado pelos selvagens (da Austrália) revela uma concordância “*com a vida mental dos pacientes neuróticos*” (1913, p. 37).

Segundo Freud, essa fobia de contato presente na neurose obsessiva é o desejo (inconsciente) de tocar que se defronta com uma proibição externa contra a realização do contato, do toque. A proibição não consegue abolir o instinto; todavia reprime o desejo de tocar e o bane para o inconsciente. Essa é a característica da atitude ambivalente do sujeito neurótico para com o objeto determinado.

O neurótico deseja constantemente tocar, mas a proibição é ruidosamente consciente enquanto o desejo persistente de tocar é inconsciente e o sujeito nada sabe sobre esse seu desejo de tocar. Qualquer coisa que dirija os pensamentos do neurótico obsessivo para o objeto proibido, qualquer coisa que o coloque em contato intelectual com o objeto proibido é tão proibida quanto o contato físico direto.

Segundo Freud, os atos obsessivos, os pensamento obsessivos, as medidas defensivas e as ordens obsessivas apresentam sinais de serem derivados de impulsos ambivalentes “quer correspondendo simultaneamente tanto a um desejo como a um contradesejo, quer atuando de forma predominante em nome de tendências opostas” (1913, p. 52). A ambivalência, ou seja, as tendências opostas, são encontradas nos tabus, nos atos obsessivos e nos pensamentos obsessivos.

Para Freud, nas neuroses, na raiz da proibição, existe sempre um impulso hostil contra alguém que o paciente ama, ou seja, um desejo de que essa pessoa morra. Esse impulso é reprimido por uma proibição e este se liga a algum ato específico, que, por deslocamento, represente um ato hostil contra a pessoa amada. Existe uma ameaça de morte se o ato for realizado, mas o processo vai além e o desejo original de que a pessoa morra é substituído pelo medo de que ela possa morrer. Segundo Freud, “sempre que consegui penetrar no mistério [da neurose obsessiva], descobri que a desgraça esperada era a morte” (1913, p. 58).

Mas como que se daria esta ambivalência no pensamento obsessivo? Segundo Freud, a consciência surge com base na ambivalência emocional; como ocorre ao tabu e a neurose obsessiva. Isto significa que um dos sentimentos opostos envolvidos é inconsciente e mantido sob repressão pela dominação compulsiva do outro.

Sobre a ambivalência nas neuroses, Freud retoma esta problemática no artigo “*O Futuro de Uma Ilusão*”, ressaltando que na função de proteção, a mãe é substituída pelo pai mais forte, mas a atitude da criança com o pai é matizada por uma ambivalência peculiar. O próprio pai constitui um perigo para a criança, talvez por causa do relacionamento anterior dela com a mãe. Assim, “ela (a criança) o teme tanto quanto anseia por ele e o admira” (1927, p. 33).

Esta ambivalência é reiterada em *Moisés e o Monoteísmo*, quase doze anos após *O Futuro de uma Ilusão*, momento este em que Freud retoma a ambivalência do filho pelo seu pai, assevera que “a ambivalência faz parte da essência da relação com o pai: no decurso do tempo também a hostilidade não podia deixar de despertar o que mais uma vez impulsionou os filhos a matarem seu admirado e temido pai” (1930 [1929], p. 159).

O pensamento obsessivo a partir da segunda tópica freudiana: uma breve discussão.

Para abordar o superego neste segundo momento da obra freudiana, convém lembrar que para Freud, na neurose obsessiva, o superego “torna-se mais áspero, mais rude e atormentador do que onde o desenvolvimento tem sido normal” (1926[1925], p.117). O superego por demais rigoroso insiste ainda mais fortemente na supressão da sexualidade, visto a sexualidade ter assumido formas tão repelentes na neurose obsessiva.

O ego do neurótico obsessivo, devido à obediência ao superego severo e rude, produz fortes formações reativas de consciência, piedade e asseio. Para Freud, estas formações reativas da neurose obsessiva “são [...] exageros dos traços normais de caráter que se desenvolvem durante o período de latência” (1926, p. 153). A formação reativa aparece sob a forma de uma alteração do ego e é efetuada pelo reforço da atitude que é o oposto da tendência instintual que tem de ser reprimida como na piedade, na consciência e no asseio. Assim, na neurose obsessiva, a anticatexia desempenha papel especialmente relevante na proteção do ego, efetuando nele uma alteração reativa.

Sobre o pensamento nesta neurose, afirma:

“O que de fato penetra na consciência é, em geral, somente um substituto distorcido que é ou de natureza vaga [...] ou de tal forma caricaturado que se torna irreconhecível. Mesmo onde a repressão não usurpou o conteúdo do impulso agressivo, ela por certo se livrou de seu caráter afetivo concomitante. A agressividade parece ao ego não uma impulsão mas um ‘pensamento’ que não desperta qualquer sentimento” (1926, p. 153).

Assim, em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, Freud retoma o tema das idéias obsessivas e declara que, antes de se tornarem conscientes, as idéias obsessivas desagradáveis passam pelo processo de repressão. Neste processo de formação do pensamento obsessivo, Freud também destaca o mecanismo do isolamento; já que a técnica do isolamento é peculiar à neurose obsessiva. No pensamento obsessivo, a experiência não é esquecida, mas em vez disso, é destituída de seu afeto, e suas conexões associativas são suprimidas ou interrompidas de modo que permaneça como isolada, não sendo reproduzida nos processos comuns do pensamento.

Neste texto de 1926, Freud afirma que a técnica do isolamento é reproduzida na neurose obsessiva “recebendo ao mesmo tempo reforço motor para finalidades mágicas já que o isolamento motor destina-se a assegurar uma interrupção da ligação no pensamento” (1926, p. 122). Não devemos esquecer que o ego do obsessivo tem grande dose de trabalho de isolamento a executar em sua função de orientar a corrente do pensamento. Assim, o ego do neurótico obsessivo é mais atento e faz isolamento mais acentuado na neurose obsessiva devido ao alto grau de tensão devido ao conflito que existe entre o superego e o id do obsessivo.

Conclusão

Ao longo deste artigo, pudemos observar que a neurose obsessiva possui uma variedade de características em sua forma de pensar; já que esta é marcada pela regressão do agir para pensar. Desde *Observações Adicionais* Freud já havia destacado a dissociação do afeto da idéia obsessiva, dissociação esta reiterada no mecanismo do isolamento durante a análise do Homem dos Ratos.

No período em que analisava este paciente, Freud redige *Caráter e Erotismo Anal* onde concede enormes contribuições as diversas formas da analidade presentes no pensamento obsessivo; tais como o apego ao dinheiro que provem de fontes anal-eróticas. Além disso, em todo caso de neurose obsessiva, podemos encontrar deformações no pensamento obsessivo oriundos da técnica da omissão ou elipse. Assim, estes pensamentos expressam todo o animismo e superstição do neurótico e modo de se relacionar com o ambiente externo.

Nesta forma de pensamento podemos encontrar formações reativas a serviço da ambivalência, ocasionando o tabu do tocar que movem as obsessões expressos pelo desejo de tocar e o medo de tocar.

O pensamento obsessivo é o organizador da sociedade humana; já que as características peculiares da neurose obsessiva são características universais da sociedade humana. Assim, finalizo este artigo com as sábias palavras do pai da psicanálise: “a neurose obsessiva é, indubitavelmente, o tema mais interessante e compensador da pesquisa analítica”².

Bibliografia

FREUD, Sigmund (1894). As Neuropsicoses de Defesa. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1896). Rascunho K. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996..

_____. (1896). Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1898). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. *ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1908). Caráter e Erotismo Anal. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *ESB*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1913 a). A Disposição à Neurose Obsessiva – Uma Contribuição ao Problema da Neurose. *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913 b). Totem e Tabu. *ESB*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). Repressão. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917[1916-17] a). Conferência XVII – O Sentido do Sintoma. *ESB*, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917[1916-17] b). Conferência XIX – Resistência e Repressão. *ESB*, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917). As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal. *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1918 [1914]). História de uma neurose Infantil. *ESB*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1926[1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. *ESB*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1927). O Futuro de uma Ilusão. *ESB*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930[1929]). O Mal-Estar na Civilização. *ESB*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1933[1932] d). Conferência XXXV – A Questão de uma *Weltanschauung*. *ESB*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1939[1934-38]). Moisés e o Monoteísmo. *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹ Doutorando e mestre pelo núcleo de Psicologia Clínica (núcleo de Psicanálise) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

² Idem, p.136.